

# Médicos lutam pelo emprego INTERNOS GERAIS ADMITEM ENCETAR GREVE NACIONAL

Um total de três mil médicos em greve, durante dois dias no próximo mês de Fevereiro, é uma hipótese a considerar, se o Ministério da Saúde não puser em execução um «estudo real das necessidades sanitárias do país e se não for reconhecido o «direito ao trabalho de todos os médicos».

Esta posição resulta de decisões tomadas no final das jornadas de luta que, nos últimos dias, foram levadas a cabo através do país, por muitos jovens médicos e estudantes de faculdades de Medicina.

Os médicos internos gerais da Região Sul decidiram, em plenário realizado ontem à tarde no Hospital de Santa Maria, convocar uma greve geral para os próximos dias 3 e 4 de Fevereiro. Em Coimbra, os internos gerais deverão reunir-se na terça-feira, para discutirem uma proposta de greve.

No Porto, os médicos internos gerais da Zona Norte vão reunir-se, também na terça-feira, para analisarem a possibilidade de uma greve.

### ● Concentração

Em Lisboa, os médicos internos gerais decidiram realizar uma concentração à porta da residência oficial do primeiro-ministro, já na próxima quarta-feira, a partir das seis da tarde.

Todavia, segundo foi ontem posto a correr no plenário de médicos do Internato Geral (IG), realizado na Sala de Alunos dos Estudantes de Medicina de Lisboa, Cavaco Silva já se terá declarado disponível para receber os representantes dos jovens médicos, adiantando mesmo o último dia deste mês, como data possível para a realização do encontro.

De imediato, os internos gerais vão promover, junto da população, a circulação de um abaixo-assinado de apoio à sua luta. A prazo,

necessariamente curto, exigem da Ordem dos Médicos uma tomada de posição sobre a greve decretada para os primeiros dias de Fevereiro, sendo aqui de referir que o sindicato da classe, como resultado claro das intervenções de um dos seus membros no plenário de ontem, em Lisboa, já se declarou claramente favorável a ela.

### ● Novo repto à ministra

Os jovens médicos lutam pelo «direito ao trabalho de todos os médicos» e alegam que, «nas condições actuais, o Estado tem a obrigação de lhes assegurar o pleno emprego, tanto mais que a situação da saúde em Portugal o justifica».

A posição agora assumida constitui ainda um protesto contra «a prepotência revelada pela ministra da Saúde na sua recusa à negociação com os órgãos representativos dos jovens médicos».

Os médicos do Internato Geral voltaram ontem a lançar um repto à ministra da Saúde, convidando-a a participar num debate público sobre a situação no país e às medidas recentemente decretadas por Leonor Beza.

«A insistência na criação do desemprego médico é um flagrante desrespeito pelas necessidades das populações» — sublinham os jovens médicos, que dizem não aceitar «a política do facto consumado».

Um dos mais destacados dirigentes do movimento confessaria ontem, no plenário de Lisboa, que a ban-

cada do PSD foi a única que não se comprometeu a chamar a ratificação do diploma de Leonor Beza. Todos os outros o teriam feito, e alguns deles mesmo para assegurarem aos representantes dos internos gerais que o novo estatuto será «chumbado» pela Assembleia da República.

Da discussão da matéria no Parlamento parece, pois, depender em elevado grau a evolução dos acontecimentos. Até lá, e a ser na mobilização que foi possível detectar, tudo indica que os jovens médicos não estão dispostos a abandonar a sua luta.

Registe-se que também os médicos do Internato Geral da Zona Norte, reunidos ontem no Hospital de S. João, no Porto, manifestaram publicamente o seu repúdio pelas declarações de Leonor Beza, difundidas na terça-feira passada pela RTP.

«Tais afirmações visavam intencionalmente ofender toda a classe médica, bem como as próprias faculdades de Medicina, enquanto instituições responsáveis pela formação de profissionais médicos, só se compreendendo como uma tentativa demagógica de levar a opinião pública a acreditar que os males de que enferma a saúde em Portugal são da responsabilidade dos

médicos e não do Ministério da Saúde» — lê-se num comunicado distribuído ontem à noite.

Os estudantes das cinco faculdades portuguesas de Medicina (duas no Porto, duas em Lisboa e uma em Coimbra) estiveram em greve até ontem, para protestar contra a revisão da legislação das carreiras médicas e do Estatuto do Internato Geral.

### ● Apoio da UGT

«É desejo de todos os portugueses um sistema nacional de saúde que garanta a todos os cidadãos o acesso aos cuidados básicos e aos tratamentos médicos necessários, em caso de doença» — salienta um comunicado distribuído ontem pela UGT.

O documento da União Geral de Trabalhadores destaca:

«Neste momento, em que os barões de Medicina pretendem empurrar a saúde para os consultórios privados, dizemos não a um sistema que só beneficia os privilegiados».

A UGT diz ainda que são necessários «melhores hospitais e a vontade firme de montar um sistema que ponha, acima dos interesses privados, a satisfação das necessidades básicas de toda a população».

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

ConfliAs - estudantes

